

A relação entre a mulher e a religião presente em *Helena* de Machado de Assis

Grasielle Rodrigues da Silva

Mestre - UNICENTROI-PR

Resumo

Pretende-se discutir a forma em que a relação entre a mulher e a religião é representada na obra *Helena* (1876) de Machado de Assis. Serão abordados a mulher no século XIX e a forma como está estabelecida socialmente, a religiosidade na sociedade e a maneira em que a mulher é descrita na literatura romântica e realista. Para tanto, agencia-se os estudos de Scott (1992), Freyre (1936) e Chartier (1990) para se analisar a maneira em que essa relação pode ser entendida como um reflexo da sociedade do Brasil do século XIX. Essa análise se baseará na relação entre o Padre Melchior e Helena, a protagonista do romance e na maneira em que se dá a relação entre eles.

Palavra-chave: mulher, literatura, religião;

Abstract

It is intended to discuss the way in which the relationship between women and religion is represented in the work *Helena* (1876) by Machado de Assis. Women in the 19th century will be approached and the way they are socially established, religiosity in society and the way in which women are described in romantic and realistic literature. To this end, studies by Scott (1992), Freyre (1936) and Chartier (1990) are used to analyze the way in which this relationship can be understood as a reflection of Brazilian society in the 19th century. This analysis will be based on the relationship between Padre Melchior and Helena, the protagonist of the novel, and on the way in which the relationship between them takes place.

Keyword: woman, literature, religion;

Introdução

A literatura nos possibilita enxergar os acontecimentos através da ótica da ficção, sendo assim, fatos instaurados na sociedade como questões econômicas, religiosas e sociais podem ser representados na literatura tal qual acontece na realidade em determinado tempo e

lugar. Nesse artigo, pretendemos destacar a relação entre a mulher e a religião presente na obra Helena de Machado de Assis.

A relação entre a mulher e a religião é um assunto controverso por diversos fatores. Na maioria das vezes ao feminino é reservado o papel de submissão, e isso pode ser visto em diferentes religiões. Nesse artigo, será aprofundado a relação feminina com a religião cristã, sendo essa a que se destaca na obra analisada.

Para entender como a relação entre a mulher e a religião é representada na obra de Machado de Assis, se faz necessário entender o que é representação. O conceito de representação está sendo utilizado dentro da História Cultural, principalmente para fazer análise de aspectos sociais.

a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descrita com densidade (GEERTZ, 1989, p. 24).

Chartier destaca que a principal função da representação seria “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 17).

Para Chartier (2002) representação pode ser definida de duas formas totalmente distintas, na primeira maneira, a representação possibilita que se perceba o que está ausente no que é representado e o que se queria representar, na segunda maneira, se destaca a possibilidade de apresentar uma permanência. Para ele:

Representar é conhecer as coisas ‘pela pintura de um objeto’, ‘pelas palavras e gestos’, ‘por algumas figuras, por marcas’ – como os enigmas, os emblemas, as fábulas, as alegorias. Representar no sentido jurídico e político é também ‘manter o lugar de alguém, ter em mãos sua autoridade’ (CHARTIER, 2002, p. 165).

O autor aponta ser possível atribuir às representações a construção das realidades sociais, onde os sujeitos buscam criar representações pessoais ou de outros grupos, a partir do seu olhar sobre o mundo e das suas experiências.

Para se discutir a relação entre a mulher e a religião se faz necessário entender a mulher na sociedade e a maneira que foram estabelecidas e se mantem as diferenças entre os gêneros.

Joan Scott (1992) destaca que o gênero é uma forma de se estabelecer as relações de poder. Para ela o gênero é "um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder"(SCOTT,1992, p.65).

Scott (1992) também afirma que se faz necessário entender gênero como uma relação entre sexos, sendo estabelecido uma definição para os conceitos homem e mulher e as suas diferenças. Scott aponta que mesmo que haja diferenças biológicas entre os sexos, não são as diferenças que definem as desigualdades que acontecem entre eles. Uma das formas de se perceber isso é que as mulheres não são naturalmente mais obedientes, delicadas e perfumadas, elas alcançam essas características através de esforço, onde as mulheres aprendem a ser femininas e submissas.

A mulher do século XIX, ocupava um papel de submissão na sociedade, sendo primeiro ao pai e depois ao marido. Ademais, a sua vida estaria limitada aos serviços domésticos e a cuidar do marido e dos filhos.

[...] o que se idealizava para a mulher brasileira era uma vida cheia de afazeres domésticos, um sólido ambiente familiar, filhos educados, dedicação exclusiva ao marido tanto para vida domiciliar quanto social, esse sim era considerado o tesouro da mulher no limiar do século XIX. (GOMES; PESSOA, 2009, p. 122 apud SILVA, 2012)

No que se refere a submissão feminina na sociedade, Gilberto Freyre, em sua obra "Sobrados e Mucambos", discute os aspectos íntimos da história da família brasileira desde o período colonial. No capítulo intitulado "A mulher e o Homem" o autor destaca que faz parte

do regime patriarcal criar meios para fazer da mulher um ser diferente do homem “Ele, o sexo forte, ela o fraco; ele o sexo nobre, ela o belo”. Para o autor, o conservadorismo presente na sociedade patriarcal do período colonial coloca a mulher numa posição em que ela fica reclusa e limitada ao ambiente doméstico.

O padrão duplo da moralidade, característico do sistema patriarcal, dá também ao homem todas as oportunidades de iniciativa, de ação social, de contatos diversos, limitando as oportunidades das mulheres ao serviço e às artes domésticas, ao contato com os filhos, a parentela, as amas, as velhas, os escravos. E uma vez por outra, num tipo de sociedade Católica como a brasileira, ao contato com o confessor. (...) obrigadas a uma vida de reclusão e segregação mais do que na Europa ocidental, já francamente burguesa (FREYRE, 1936).

Freyre observa que no século XIX, devido a mudança da sociedade patriarcal para uma semipatriarcal, ocorreu um alargamento social das mulheres para além da vida doméstica, esse alargamento possibilitava as mulheres o acesso ao teatro, a aula de francês, a aula de dança e a ler romances. Esse acesso à educação e à cultura fazia parte da tentativa de aburguesamento social presente no século XIX. Contudo, Freyre destaca que “o tipo da mulher brasileira” do século XIX é:

(...) Muito boa, muito generosa, muito devota, mas só se sentia feliz entre os parentes, os íntimos, as mucamas, os muleques, os santos de seu oratório; conservando um apego doentio à casa e à família; desinteressando-se dos negócios e dos amigos políticos do marido (...). Quando muito chegando às margens sentimentais do patriotismo e da literatura. Alheia ao mundo que não fosse o dominado pela casa – a família, a capela, os escravos, os moradores pobres do engenho, os negros dos mucambos mais próximos. Ignorando que houvesse Pátria, Império, literatura e até a Rua, Cidade, Praça (IDEM, 1936).

A mulher do século XIX descrita por Freyre é um ser alheio aos acontecimentos exterior a casa, família e as coisas ao seu redor. Entretanto se destaca a devoção como característica importante dessa mulher e é possível notar que a religião está muito presente no seio familiar.

A mulher e a religião

A religião é algo indissociável da sociedade, por isso é possível perceber que o cenário religioso tem impactos significativo nos acontecimentos sociais, influenciando no papel da mulher na sociedade, nas relações sociais, na forma de lidar com os problemas cotidianos, entre outros. Boanerges Ribeiro afirma que “na sociedade brasileira imperial, a identificação de ‘Igreja Católica romana’ com ‘sistema religioso’ é insistente [...] envolvia toda a organização social” (RIBEIRO, 1973, p.49). Além disso, a religião influenciava toda a vida das pessoas.

O tempo era determinado pelo calendário cristão e por seus ritos. Desta forma, se nascia na igreja, obtendo o registro de nascimento através do batismo. Casava-se na igreja, pois somente esse tipo de casamento tinha valor jurídico. E morria-se na igreja, pois somente os católicos podiam ser enterrados nos cemitérios administrados pela igreja. (RIBEIRO, 1973, p.49-50).

A igreja funcionava como um agente de controle e integração da população. Desde o período colonial, a instituição religiosa, agia de modo a usar a sua autoridade para garantir a ordem familiar, essa ordem não se mantinha apenas como um projeto religioso, mas também social e político.

A religião católica mantinha sobre as mulheres uma devoção obrigatória. Desde meninas eram levadas as missas, aprendiam a rezar e se tornavam devotas. Era comum, dentro das casas, terem altares e santos religiosos, essas características podem ser vistas como uma forma de impor obediência, estabelecer as regras sociais e os valores morais.

A mulher descrita na literatura Romântica e Realista do século XIX

A literatura do século XIX buscava discutir os acontecimentos da sociedade, por isso, é possível encontrar em obras desse período, diversos temas como a instauração da república, a queda da monarquia, o fim da escravidão, entre outros acontecimentos históricos.

A mulher enquanto ser participante da vida social do século XIX, mesmo quando não era descrita como a personagem protagonista, tinha suas inquietações e problemáticas também abordadas nas obras literárias.

Para se discutir a mulher na literatura do século XIX, se faz necessário compreender duas escolas literárias desse período, o Romantismo e o Realismo.

O Romantismo expressa a idealização da mulher e do amor romântico. Bernardi (1999) aponta que a principal idealização do amor se baseia na visão da donzela. “jovem, passiva, formosa, meiga, à espera do casamento – símbolo da felicidade plena – que se realize”. Essa mulher que espera apenas pelo casamento para ter a felicidade plena e a realização foi na visão geral, a mais abordada na literatura do século XIX. Segundo Costa (1963) dois perfis de mulher se destacam na literatura romântica: a mulher anjo e a mulher demônio.

A mulher anjo se assemelha como a donzela que Bernardi (1999) aponta, seria aquela que tem virtudes capazes de aproximar o homem de Deus, de boa índole, educação e moral. Já a mulher demônio, é aquela que engana e seduz, que é infiel e cheia de caprichos, capaz de levar o homem a perdição (COSTA, 1963).

O Realismo surgiu no final do século XIX, como movimento de contraposição do Romantismo. Os artistas realistas buscavam retratar em suas obras as questões que mais se aproximavam da realidade, seus temas giravam em torno de questões cotidianas, urbanas e sociais. Para Bernardi (1999, p. 106) o Realismo “É o período literário que corresponde a profundas modificações políticas, econômicas e sociais, em virtude do apogeu da era industrial e técnica”. E essas mudanças podiam ser percebidas nas obras realistas do período.

Para Ferreira e Perregot (2017) “o romance tornou um novo marco para o Realismo justamente por questionar valores românticos e os falsos ideais da mulher conformada com o seu destino”. A mulher passa a ser descrita como ser capaz de lutar para alcançar seus objetivos, capaz de mentir, de adular, de dissimular para conseguir o que quer, não sendo mais apresentada como um ser frágil e incapaz, como era no Romantismo.

Análise

Para se analisar como a relação entre a mulher e a religião é representada na obra Helena (1876) de Machado de Assis se faz necessário entender quem foi esse autor e em qual período esteve inserido.

Joaquim Maria Machado de Assis foi um grande romancista, poeta, jornalista, contista, teatrólogo, cronista e crítico do século XIX, nasceu em 1839 na cidade do Rio de Janeiro e faleceu em 1908, aos 69 anos de idade. Apesar de enfrentar muitas dificuldades devido a sua origem humilde, Machado de Assis alcançou grande visibilidade durante o século XIX, sendo reconhecido até os dias de hoje como o maior prosador da literatura brasileira.

A obra machadiana em que iremos focar é Helena (1876), esse romance narra a história de Helena, uma garota que é reconhecida enquanto filha do importante Conselheiro Vale em seu testamento. Com isso, Helena passar a viver com a sua nova família, enfrentando as desconfianças dos parentes e um amor incestuoso. Essa obra apresenta um importante cenário social do século XIX, intrigando com um romance, segredos e reviravoltas.

A obra Helena faz parte do período romântico de Machado de Assis, assim como as personagens típicas desse período, a protagonista tem traços angelicais e puros, dedicada a família e a religião. Entretanto, é possível ver em Helena traços de manipulação e mistérios, elementos típicos do realismo.

A religião aparecerá nessa análise, na figura do padre Melchior, esse personagem é apresentado enquanto padre capelão da fazenda de Andaraí, cenário em que ocorre a maioria da história.

Um dos momentos que iremos destacar se encontra no capítulo IV da obra, no qual é apresentado as características de Helena e as reações dos moradores de Andaraí com a chegada da moça na fazenda. Helena é descrita como uma pessoa amável e cheia de qualidades, a maioria das pessoas a recebe com cautela, pelo fato dela ser desconhecida. Entretanto a recepção do padre Melchior é diferente dos outros membros, “Uma pessoa, entre os familiares da casa, não os acompanhou no procedimento reservado e frio; foi o

padre-mestre Melchior.” (ASSIS,1994, p.16)

Interessante destacar que nesse momento o padre Melchior é descrito como parte integrante da família, e que ao contrario dos outros membros demonstrou-se mais caloroso com a estranha recém chegada, o que pode ter colaborado para a criação de um laço afetivo entre eles. Além disso, o relacionamento entre os moradores da casa e o padre era uma relação íntima, principalmente pelo fato da figura religiosa, residir dentro da propriedade da família, algo que era comum para o período. O Padre Melchior tinha características que o destacavam, como pode ser visto abaixo:

Melchior era capelão em casa do conselheiro, que mandara construir alguns anos antes uma capelinha na chácara, onde muita gente da vizinhança ouvia missa aos domingos. Tinha sessenta anos o padre; era homem de estatura mediana, magro, calvo, brancos os poucos cabelos, e uns olhos não menos sagazes que mansos. De compostura quieta e grave, austero sem formalismo, sociável sem mundanidade, tolerante sem fraqueza, era o verdadeiro varão apostólico, homem de sua Igreja e de seu Deus, íntegro na fé, constante na esperança, ardente na caridade. (ASSIS,1994, p.16-17).

Essa atitude do Conselheiro de mandar construir uma Capelinha na Chácara em que residia, pode ser visto como algo comum do período colonial brasileiro, onde o senhor de Engenho solicitava um padre para viver nas suas terras para doutrinar as famílias e os escravos e ouvir as confissões, entre outros deveres do padre capelão.

Outro momento relevante, se encontra no capítulo VII, onde é possível notar o quanto o Capelão tem importância e autoridade dentro da tomada das decisões da família. Isso pode ser visto em alguns momentos na obra, destacaremos aqui quando o jovem Estácio, suposto irmão de Helena, é aconselhado por um amigo da família a se candidatar a um cargo público, apesar de ponderar negativamente para o convite, a sua resposta foi que iria consultar a Helena e ao Padre.

Já lhe disse o que sinto a tal respeito. Contudo, estou pronto a refletir, e a consultar o Padre Melchior e Helena. (ASSIS, 1994, p.37)

No decorrer da obra é visível que a relação do padre com a família é de tamanha proximidade que os moradores atribuem ao padre a responsabilidade de resolver os problemas. Como acontece no capítulo XXII, onde Estácio pede o padre Melchior para decidir sobre o destino de Helena.

“...Não foi o senhor um dos melhores amigos de meu pai? Não o é ainda nosso? Ajude-nos, aconselhe-nos; faremos o que lhe parecer melhor. Na situação em que nos achamos, nenhum de nós tem o espírito bastante senhor de si para colher os elementos da verdade, apurá-la e resolver. Esse papel é seu”. (ASSIS,1994, p.109).

Isso ocorre devido a visão social de que o padre decidiria a partir dos valores morais e cristãos.

É notório que a religião sempre esteve presente no meio familiar do século XIX, na obra Helena essa proximidade é percebida na figura do padre Melchior, entretanto o que pretendemos destacar é a maneira em que essa relação acontece com as personagens femininas, nesse caso, com Helena a protagonista da obra.

No capítulo XVI, são narrados acontecimentos cotidianos da família de Andaraí, entre eles se destaca “... era domingo, Helena dirigiu-se à capela a ouvir a missa do Padre Melchior”. podemos ver que Helena, juntamente com sua tia D. Ursula, tinha o costume de cumprir com as obrigações sociais religiosas, como a de frequentar a missa aos domingos, entretanto, “...acabada a cerimônia, não seguiu para casa, com D. Úrsula, mas foi ter à sacristia, onde o padre acabava de tirar os paramentos.” (ASSIS,1994, p.73). No trecho que segue é notável que Helena tinha uma relação de proximidade com o padre a ponto de encontrá-lo na sacristia após a missa para conversar. Nesse cenário, durante a conversa da protagonista com o padre, ele pede para ler a carta que Helena recebeu do seu irmão que se encontrava viajando.

Helena deu-lhe a carta, que o padre recebeu com uma expressão antes de curiosidade que de afeto. Leu-a vagarosamente, como escrutando o sentido e as palavras; e sendo longa a epístola, longo foi o tempo que ele despendeu em a interpretar. Durante esse tempo, Helena admirava-lhe a figura austera, a serenidade religiosa. (ASSIS,1994, p.74).

Nessa passagem, é perceptível que Helena tinha certa admiração pela figura do padre, o que influenciava para a relação de confiança que se desenvolvia entre eles. A relação entre Helena e o padre é de tamanha proximidade que o mesmo a influenciava na tomada de decisões importantes. No mesmo capítulo XVI o padre aconselha que a menina se case,

porque considera que assim como o irmão dela estava para se casar, um casamento para ela seria uma maneira de deixá-la feliz.

Melchior olhou para ela silenciosamente.

— Crê que Estácio seja feliz? perguntou ele enfim.

— Creio.

— Também eu.

Outro silêncio. O primeiro que o rompeu foi o padre.

— Por que se não casa também? disse ele.

— Eu?

— Decerto. Pode ser que muito breve, talvez...

— Talvez nunca. (ASSIS,1994, p.76).

Importante salientar que o casamento, nesse período, é uma artifício de controle feminino, onde a mulher passa a ser patrimônio do seu marido, vivendo para servi-lo e cuidar dos filhos.

No primeiro momento ao aconselhamento do padre, a resposta de Helena foi uma recusa. Entretanto o padre insiste sob o argumento de querer celebrar o casamento da moça “Ora, o que eu lhe peço, o que eu desejo, é que se apresse tanto que eu possa casá-los...”, esse argumento pode ser visto quando ele diz “Estou velho, minha filha; estes cabelos brancos são já a neve desse mar polar para onde navegamos todos. Conto sessenta anos. A morte pode colher-me um dia próximo...” (ASSIS,1994, p.76). Com o seu discurso, o padre convence Helena a se casar, mesmo que a moça não demonstrasse qualquer interesse no matrimônio.

No capítulo XIII, Helena se encontra aflita em decorrência de uma conversa que teve que o dr. Camargo, o mesmo deu a entender que conhecia os seus segredos e que não os revelaria desde que a moça o ajudasse em seus interesses, Helena vai ao seu quarto e passa a noite escrevendo uma carta.

Como arrependida, voltou a escrever outra carta, mas não chegou a acabar seis linhas; rasgou-a como fizera à primeira, e só então recorreu ao remédio melhor de uma alma ulcerada e pia: rezou. A prece é a escada misteriosa de Jacó: por ela

sobem os pensamentos ao céu; por ela descem as divinas consolações. (ASSIS, 1994, p. 61)

O que se destaca nesse trecho, é que a protagonista em um momento de aflição, recorre a oração, mostrando assim, a religiosidade em suas práticas, como uma busca pelo conforto divino. Esse é um dos raros momentos em se pode perceber presença religiosa, desassociada da figura do padre. Outro momento da obra em que Helena é apresentada fazendo uma oração, podemos perceber as impressões do padre Melchior sobre o seu ato.

Helena cruzou os dedos e ergueu os olhos. Melchior não a quis interromper nessa ascensão mental ao céu; limitou-se a contemplá-la. A beleza de Helena nunca lhe parecerá mais tocante do que nessa atitude implorativa. A contemplação não durou muito, porque a oração foi breve. (ASSIS, 1994, p. 117)

No capítulo XXVIII, devido a diversos acontecimentos no decorrer da obra, Helena muitas vezes foi confortada e acolhida pelo padre, como ocorre nesse momento em que Helena recebe uma carta de despedida do seu pai biológico, anunciando que ele não deveria permanecer na vida dela. Interessante destacar que o fato de não ser filha biológica do Conselheiro Vale foi o segredo que Helena guardava durante todo o romance, no momento da descoberta sobre a verdadeira identidade do pai de Helena, foi o padre Melchior e o Estácio - o irmão de Helena – que buscaram investigar e decidir qual seria o futuro da moça.

“O padre acolheu-a lacrimosa e esvaecida em seus braços; disse-lhe palavras de conforto e de esperança. Nos primeiros minutos, Helena nada pôde ouvir; o golpe ensurdecera a alma. Melchior fê-la sentar ao pé de si; ela obedeceu sem consciência. Após alguns minutos de silêncio e concentração, a moça dirigiu a palavra ao padre e agradeceu-lhe a caridade [...] Melchior ouviu-a comovido; nutrido da medula do Evangelho, reconheceu um efeito da graça divina nesse amor imaculado, que valia por todas as absolvições da Terra. Ele a aplaudiu e confortou; falou-lhe do futuro, do carinho de sua família, — sua, a despeito de tudo” (ASSIS, 1994, p.133).

Nesse momento o padre é apresentado enquanto uma pessoa que a conforta e a acalenta. Na página seguinte o padre faz recomendações aos familiares, é possível notar que o autor destaca o padre enquanto alguém que tinha grande influência no espírito de Helena, e destaca que o padre sentia um “amor verdadeiro e paternal” pela moça.

Melchior encomendara muito à família que vigiasse a moça, cujo espírito lhe parecia atrevido e tenaz; ele receava que Helena ou fugisse de casa, ou recorresse a algum ato de desespero. O mesmo padre desvelou-se em trazer a alma de Helena ao sentimento da resignação. A autoridade do caráter religioso, a influência que ele tinha no espírito de Helena, eram armas poderosas, temperadas com o amor verdadeiro e paternal que o ligava à donzela. Nada poupou; mas tais esforços não tiveram mais fruto que os da família. Helena mal podia tolerar a situação. (ASSIS,1994, p.134).

Percebe-se no trecho acima que o padre Melchior tinha verdadeira preocupação com a possibilidade de Helena fugir de casa ou cometer suicídio, destaca-se que o até o século XX, não eram realizadas cerimônias fúnebres para os suicidas e que os mesmos eram considerados pessoas que não iriam para o céu.

Essa consideração que é apresentada, esse afeto que Machado destaca que o padre sentia por Helena, pode ser retribuído algumas páginas adiante, onde Helena é acometida por uma doença que a deixa muito debilitada e apresentando quadros de delírios, entretanto quando estava bem e consciente, era o nome do padre que chamava e era a pessoa que desejava que estivesse ao seu lado.

Durante sete dias o estado de Helena apresentou alternativas que lançavam na alma dos seus a confiança e a desesperação. Algumas horas houve de delírio, durante o qual dois nomes volviam freqüentemente aos lábios da enferma, — o de Estácio e o do pai. Nas horas da razão, falava pouco, não proferia nenhum nome, salvo o de Melchior que ela queria ver junto de si. O capelão obedecia docilmente. Ao pé dela, via-a com pena, mas sem desesperação; primeiramente, porque ele aceitava sem murmúrio os decretos da vontade divina; depois, porque não sabia ao certo se, em tal situação, era a vida melhor do que a morte. Em todo caso, consolava-a. (ASSIS,1994, p.137).

O padre Melchior atua nesse cenário enquanto o consolador, a pessoa que trazia uma espécie de conforto tanto para Helena quanto para os familiares. Na obra, o papel do padre Melchior é construído enquanto o representante da religião, apesar disso, as suas considerações giravam em todo da moral e da aceitação social, por isso aconselha Helena a se casar, mesmo que a mesma não estivesse apaixonada, por isso é convidado a resolver os problemas causados pelos segredos de Helena, pelo mesmo motivo, era o seu confidente e amigo.

Considerações finais

O romance Helena nos apresenta o cenário do século XIX através da família do Conselheiro Vale, uma família de posses, influente na sociedade carioca e preocupada em manter as aparências sociais. O objetivo desse trabalho era destacar a relação entre a mulher e a religião, que pode ser vista na obra através da relação entre o padre Melchior e Helena, a protagonista do romance.

É perceptível que a protagonista e o padre desenvolvem uma relação de confiança e amizade, desde o primeiro contato, sendo ela recebida pelo padre sem reservas, diferente dos outros membros da família.

O padre atua como responsável pela tomada de decisões importantes da família da protagonista, dado ao seu cargo de influencia dentro da chácara de Andaraí. E isso pode ser visto no que se refere a Helena.

É possível enxergar a representação da relação entre a mulher e a religião dentro do romance, sendo essa, uma relação de confiança e amizade, entretanto se percebe que a igreja detinha grande influência dentro das decisões tomadas pelas famílias, principalmente no que se refere a manter as aparências para a sociedade, mostrando assim que o controle da igreja, não se limitava a questões religiosas, mas estava presente em todos os âmbitos da vida das pessoas.

Referências bibliográficas

BERNARDI, Francisco. As bases da literatura brasileira: histórias, autores, textos e testes. Porto Alegre: Age, 1999.

CHARTIER, Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: A História Cultural entre práticas e representações. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. O mundo como representação. In: _____. À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

COSTA, Emília Viotti da. A concepção do amor e idealização da mulher no romantismo. Revista Alfa, Marília, v. 4, p. 29-56, 1963.

FERREIRA, Jean Fabricio Lopes e PERROT, Andrea Czarnobay. A representação feminina em Machado de Assis: Helena, embrião de Capi-tu. Opiniões Revista dos alunos de Literatura Brasileira, n. 11 (2017): Dossiê: Autores-Editores, p. 111-22.

FREYRE, Gilberto. Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. Editora Record: Rio de Janeiro/São Paulo, 2000[1936].

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

RIBEIRO, Boanerges. Protestantismo no Brasil Monárquico (1822-1888): Aspectos Culturais de Aceitação do Protestantismo no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1973.

SILVA, Tânia Maria da Conceição Meneses. A mulher brasileira do século XIX no contexto do patriarcalismo. Recanto das Letras, 2012. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-sociedade/3918994>. Acesso em: 11 de dezembro de 2021

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter. (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo, Unesp, 1992.